



Pela boca nasce o peixe

Disrupção e transgressão literária em António Aragão, Herberto Helder e António José Forte

Raquel Gonçalves

Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra

DOI: 10.34640/universidademadeira2022goncalves

Troque-se às voltas ao adágio e deixe-se que a boca não mate o peixe, mas que o faça nascer. Num mesmo movimento, tome-se de empréstimo o conto *Teoria das Cores*, de Herberto Helder, no qual um pintor, no decorrer do processo de pintar um peixe vermelho, repara que o mesmo está a ser dominado por uma mancha preta e, perante a metamorfose inesperada, decide pintar um peixe amarelo.

Chegue-se por este caminho a uma geração que ousou transgredir e pintar o peixe amarelo, cumprindo a premissa do conto de Helder de que a fidelidade às vezes consiste em assumir que existe apenas uma lei abrangendo o mundo das coisas e o mundo da imaginação, e essa lei é a da metamorfose. Ao assumirmos esta espécie cheia de contradição a uma subjugação feita unicamente de liberdade, e que apenas serve uma noção de fidelidade pessoalíssima de uma geração de autores, chegámos a essa mesma geração que ousou criar a sua própria filiação, transgredindo e recusando ser integrada ou assimilada por uma ordem pré-estabelecida. Uma geração que se metamorfoseou e que ousou criar a sua própria influência.

Se escolho, para esta minha leitura, os livros de António Aragão *Textos do Abocalipse* e *Um Buraco na Boca* faço-o não apenas para ler Aragão, mas para, através dele e com outros, ler o programa literário de uma geração que sentia profundamente, tal como afirma Herberto Helder, que o que está em causa não é saber que “qualquer poeta que tenha atravessado os túneis pode assinar a palavra “merda”” (HELDER, 2015: 12). Trata-se, antes, de construir esses próprios túneis por onde se vai passar, e as regras próprias para os atravessar.

A ocorrência da palavra boca ou de vocábulos a ela associados nos títulos de alguns dos livros de António Aragão, Herberto Helder e António José Forte remetem para esse lugar do corpo onde a linguagem se apresenta livre de convenções, matéria liberta para atirar ao papel e aí ainda manter essa mesma liberdade.

Um Buraco na Boca e *Textos do Abocalipse*, de António Aragão; *Uma Colher na Boca* e *Phtomaton&Vox*, de Herberto Helder; ou *Uma Faca nos Dentes* de António José Forte transportam essa liberdade da linguagem enquanto voz. Cito Gonçalo M. Tavares:

A voz ainda é corpo, apesar de fazer linguagem; a voz ainda é, pois, algo que não se domina por completo: não se domina a voz como se domina o sujeito, o predicado e o complemento directo. [...] A voz é um significado que treme ou, pelo menos, tem essa possibilidade; a voz pode tremer, elevar-se, baixar de tom, hesitar, ser sólida ou não [...]. A linguagem, quando dentro da voz, torna-se orgânica: com variações próprias de um organismo, com a sua debilidade e a sua força, com a sua expressão”. (TAVARES, 2013: 150-151).

Esta geração não avança apenas com uma voz que foi a sua, avança com a liberdade que a voz permite para estilhaçar qualquer formalismo anterior. Mas avança ainda mais a fundo: há uma *colher na boca*, um *buraco na boca*, uma *faca nos dentes*.



PELA BOCA NASCE O PEIXE

Há em todos eles a possibilidade de esgotar palavras, de as estilhaçar, de as transportar de uma outra forma, através da inconstância da voz, do desconforto de um buraco ou de instrumentos que se transportam no lugar primeiro que no corpo transforma a linguagem. Avançam armados para atingir uma espécie de esgotamento de tudo o que fica para trás, para que as palavras e a linguagem se fixem num outro nível de entendimento ou significação, e adquiram, dessa forma, uma plasticidade mais conforme a uma poesia ou a uma literatura na qual o encontro sempre novo entre palavras é a marca mais visível. Uma literatura na qual os textos adquirem uma forma livre no conteúdo, mas também na grafia, na pontuação. Esta liberdade e esta inovação não são, contudo, um exercício estéril de querer fazer apenas uma outra arte, uma outra literatura, uma outra poesia.

Esta geração quis também olhar o mundo de uma outra forma. E usar a linguagem de forma livre e pouco convencional é o primeiro passo para um novo olhar e um novo pensamento.

Foi uma geração profundamente embrenhada no mundo, que gritava estridentemente a esse mundo, à ordem ou à desordem estabelecida, que impunha um inconformismo que não era apenas exercício literário e estético, mesmo que de uma estética nova, mas um exercício pleno de quem se ergue de corpo inteiro.

Sobre a prosa única de Herberto Helder, diz Luis Mourão que “a materialidade pesada da vida... prende a abstração pensante destes textos a um tempo histórico que eles parecem devorar, para surgirem como que vindos de um sopro de loucura, rebeldia e nomadismo que procura outras geografias e outras tarefas para o sentido de existir” (MOURÃO, 2015: 164). O próprio Herberto Helder anunciava o seu estilo como sendo um modo subtil de transferir a violência da vida para o plano mental de uma unidade de significação: “não aguentamos a desordem estuporada da vida. E então pegamos nela, reduzimo-la a dois ou três tópicos que se equacionam.” (HELDER, 2014: 7).

O mesmo refere António Aragão, quando proclama o fim das “obrigatórias estipulações, os ciclos fechados, as secas gramáticas e as fórmulas desabitadas” (ARAGÃO, 2021: 61). E, contudo, nesta iconoclastia, admite que “o homem insiste em querer ver e descobrir este universo” (ARAGÃO, 2021: 61). Admite mesmo que “a toda a hora se tenta uma relação (possível) que signifique de modo diferente ou diga de outra maneira o binónimo de vida e matéria em que o homem se inscreve e se debatem todas as suas interrogações.” (ARAGÃO, 2021: 61). Leia-se, num mesmo movimento, uma das epígrafes de *Um Buraco da Boca*: “há sempre uma dor maior do que a liberdade de a ter escrito” (ARAGÃO, 1993: 3). E isto é uma outra forma de dizer a desordem estuporada da vida.

Unidos Aragão e Helder, acrescenta-se agora António José Forte: “dente por dente: a boca no coração do sangue: escolher a tempo a nossa morte e amá-la” (FORTE, 2017: 47). E depois o aviso sério de quem se ergue para estabelecer, tal como os da sua geração, um espaço singular, pessoalíssimo. Mais do que o aviso, o grito pela boca: “para que não me confundam

nem agora nem nunca, declaro a minha revolta, o meu desespero, a minha liberdade, declaro tudo isto de faca nos dentes e de chicote em punho e que ninguém se aproxime para além dos mil passos” (FORTE, 2017: 52).

Estabelecida a distância segura relativamente ao que de forma lúcida se deixa para trás, à distância de uns exatos mil passos, este é um grito pessoal, mas também um grito de uma geração inconformada, iconoclasta, que sabia que continuar a insistir nos mesmos modelos, nas mesmas palavras, nas mesmas *secas gramáticas* seria o mesmo que não avançar, nem obter respostas satisfatórias.

Leia-se António Aragão em *Um Buraco na Boca*: “havia momentos em que se metia as mãos nos bolsos esperando. depois tornavam dos bolsos e tremiam tintas do sangue desentendido de cada palavra desviada. medo? Receio de passar toda a vida sem chamar nada pelo seu verdadeiro nome?” (ARAGÃO, 1993: 11)

Sim, havia esse medo de continuar a não chamar nada pelo seu próprio nome, talvez porque esta geração sabia que a todas as épocas devem pertencer novas formas de dizer, novos nomes, para que a arte e a literatura não se fixem nem percam o seu sentido à força de se repetirem os mesmos modelos, os mesmos nomes. Chamar pelo próprio nome é admitir um nome sempre à procura da sua verdade em cada momento.

Cito Roberto Juarroz: “A poesia (e eu acrescento a literatura) não é mais do que a luta pela expressão, levada ao seu extremo: extremo do homem, da linguagem, da realidade. A luta pela expressão, adquirindo para a palavra, a liberdade da palavra.” (JUARROZ, 2020: 7). Toda a escrita de Aragão e dos seus contemporâneos reclama essa liberdade da palavra ou a liberdade para as palavras. Reclama novas formas, sejam elas no conteúdo, na grafia, na pontuação, no radicalismo da linguagem.

Volto a Juarroz: “O mundo da poesia (ou da literatura, digo eu) é o mundo da pura heterodoxia. Ou melhor: da pura heresia. Todo o verdadeiro poeta é um herético. E o herético é aquele que adere o “proceitos” e não a preceitos, a resultados e não a premissas, a criações, a poemas e não a decretos. (JUARROZ, 2020:10)

Aragão, Helder e Forte são desta linhagem

Porque, afinal, e cito Helder, os tópicos comuns do Amor ou da Morte, ou qualquer outra referência ao real são “uma dessas abstrações que servem para tudo” (HELDER, 2014: 8). A não ser, é claro, que se exercite o *estilo*, ou a liberdade que defende Juarroz, a não ser que se use o mecanismo de fazer ascender as palavras “como se a tua frase fosse um buraco brilhando até os pulmões, com o sangue e a língua na minha garganta”. (HELDER, 2015: 9). Intuo, por isso, que só a frase que toca pulmões, garganta, língua e sangue – a boca na sua ampla capacidade - pode criar uma poesia que evita a abstração que serve para tudo. E, neste exercício, teríamos então a literatura como uma “escrita exercida como caligrafia extrema do mundo, um texto apocalípticamente corporal” (HELDER, 2015: 10). Um texto do *abocalipse* se quisermos e voltamos assim a Aragão.



PELA BOCA NASCE O PEIXE

É, em suma, uma literatura que rejeita o facilitismo milagreiro. Até porque, “é sempre fácil caminhar em cima das águas, mas é impossível fazê-lo milagrosamente”. (HELDER, 2015: 11). E escrever é uma outra coisa para esta geração. “Escrever é literalmente um jogo de espelhos, e no meio desse jogo representa-se a cena multiplicada de uma carnificina metafisicamente irrisória.” (HELDER, 2015: 12). Sublinho o metafisicamente irrisório para destacar o trabalho físico e pessoal da escrita, o trabalho que envolve pulmões, garganta, língua e sangue e que participa da criação de um estilo, de um caminho, de uma filiação.

Leio Aragão:

O artista, poderoso iconoclasta destrói as formas definitivas, e destrói devido ao esgotamento das forças misteriosas que as animavam e constrói, com outra morfologia, o mistério. E só ele se apercebe desse esgotamento e da necessidade de destruição – destruição sem sentenças ou elaborados racionalismos, sem prévios padrões políticos, sociais, económicos ou religiosos; destruição assistemática, inviolável, finalizada em si própria, egocêntrica e espontânea. (ARAGÃO, 1956: 24).

Este egocentrismo espontâneo que dá corpo à destruição de tudo o que fica para trás, recusando paternalismos, filiações, ordens, sistemas apresenta-se como elemento disruptivo de uma literatura que realmente representou uma inovação no cenário literário português. Exemplo disso são os livros em prosa de Aragão, que encontram paralelo nos livros em prosa de Heberto Helder, que também foi uma voz diferente no panorama literário do seu tempo. Foi o poeta, mas também o prosador que Portugal nessa altura não tinha.

No caso de Aragão, *Um Buraco na Boca* foi o expoente máximo do que se pode catalogar como um romance experimental.

Visualmente rompeu todas as convenções do género: não se encontra dividido em capítulos, mas em blocos de texto, a abertura de parágrafos é abrupta, as frases são interrompidas de forma não tradicional, ausência de vírgulas, ausência de maiúsculas, discurso direto a negrito e bastante recorrente. Como aponta Bruno Ministro, há a prevalência de uma contradição das regras estipuladas pela gramática do português, e estas formas de agramaticalidade, com um modelo de regras próprias, propõem-se recriar a língua:

Um Buraco na Boca vive segundo normas internas específicas, o que, por si mesmo, deve ser encarado como elemento produtor de sentido na medida em que tomar uma iniciativa deste tipo é estabelecer um mundo paralelo que procura instituir-se enquanto universo independente da escrita, da linguagem e das suas convenções. (MINISTRO, 13: 2014)

Outra inovação surge na forma de ler *Um Buraco na Boca*, já que o autor avisa, desde o início, que “a ordem de leitura dos textos que propomos neste livro é arbitrária” (ARAGÃO, 1993: 3).



Iguais recursos foram usados no livro *Textos do Abocalipse*, sendo os temas abordados também semelhantes: a problemática das relações familiares, as estruturas sociais e políticas a identidade individual e coletiva. Aliás, são também estes temas que encontramos em Helder e em Forte, aos quais se junta a infância, a casa, a mãe, a mulher, a morte, a loucura, a escrita. Igualmente nos livros em prosa de Helder se pode optar por uma ordem arbitrária de leitura sem perder o sentido, mas, muito pelo contrário, abrindo novos sentidos.

Trata-se, por isso, de uma geração que avançou realmente pela boca, pela transgressão que esse primeiro lugar da linguagem permite, pela arbitrariedade e recusa de uma ordem tradicional, pela pintura do peixe amarelo face a um peixe pré-existente de cor vermelha. E se a boca já era lugar de transgressão, todos eles foram mais a fundo, porque transportaram na boca o buraco, a colher, a faca. Instrumentos que acentuam o exercício de uma nova postura face ao mundo, de uma nova língua, de uma nova expressão.

Termino num exercício de aproximação temática de *Um Buraco na Boca*, de Aragão, a *Os Passos em Volta*, *Photomaton&Vox* e uma *Colher na Boca* de Herberto Helder.

Leio Aragão:

procurava uma coisa qualquer que pudesse valer por si. uma referência somente. ou algo de tão próprio que embora pequeno e humilde convencesse como um grande império. assim um todo absoluto ainda que terrível por onde me esvaísse até endoidecer. (ARAGÃO, 1993: 20)

Leio Helder:

Se calhar está demasiado na posse de um estilo. Mas, escute cá, a tenebrosa e maravilhosa loucura... Enfim, não seria isso mais nobre, digamos, mais conforme ao grande segredo da nossa humanidade? (HELDER, 2015: 10)

Se calhar, é isto, instaurar pela boca um regime de loucura, naquele exato sentido em que a loucura desarruma, estilhaça, cria um regime de transgressão. Naquele exato momento em que a loucura é a única forma de lucidez porque permite entrar de outra forma pela literatura, pela poesia, pela arte, pelos seus meios e fins.

Leio Aragão, em *Um Buraco na Boca*:

e as palavras pareciam nascer ardendo como coisas descobertas de novo. cada geração trazia as suas palavras? o seu idioma? as coisas novas com que cada geração se veste? [...] sendo depois diferentes tornavam tudo diferente? [...] a verdade é que surgiam palavras despidas: incompreensíveis para muitos e sozinhas como no começo de tudo. nesse caso o estar só (essa solidão gerada e repetida) era como estar despido de tudo desde o começo do que se dizia até ao desentendimento de outro pensar e querer. certamente isso era o desentender de cada geração? (ARAGÃO, 1993:76-77).



PELA BOCA NASCE O PEIXE

Cito Herberto Helder, em *A Colher na Boca*: “e o poema faz-se contra a carne e o tempo” (HELDER, 2014: 28).

Cito Helder em *Photomaton&Vox*:

Escrever não mostra o que fica mas o que falta. Para tocar o fundo. Disso se morre, de escrita. Mas nada vale senão morrer. O sentido revelador disto está em que tudo morre com cada um. Morre-se para que o mundo morra, e crime e culpa se dissolvam, como se a escrita – morte alheia e própria – fosse uma espécie de exasperada, misteriosa e emblemática regeneração. (HELDER, 2015: 148).

Esta foi, de facto, uma geração consciente do poder da palavra, sobretudo das novas palavras, da forma de as dizer, da necessidade de matar constantemente a experiência e de a fazer renascer em simultâneo pela boca, loucamente. Sempre pela boca, como lugar dessa “*exasperada, misteriosa e emblemática regeneração*”.

Referências bibliográficas

ARAGÃO, António (2021), *Obra (Re)encontrada*, org. Rui Miguel Ribeiro, Rui Torres, Bruno Ministro, Lisboa: Edições do Saguão.

ARAGÃO, António (1993), *Um buraco na boca*, Lisboa: Vala Comum.

ARAGÃO, António (1992), *Textos do Abocalipse*, Lisboa: PF.

FORTE, António José (2017), *Uma Faca nos Dentes*, Lisboa: Antígona.

HELDER, Herberto (2015), *Photomaton&Vox*, Porto Editora

HELDER, Herberto (2015), *Poemas Completos*, Porto Editora

HELDER, Herberto (2014), *Os Passos em Volta*, Porto: Porto Editora.

JUARROZ, Roberto (2020), *Poesia e Criação*, Lisboa: Edições Sr. Teste.

MINISTRO, Bruno (2014), *Um buraco na boca: edição crítica do romance experimental de António Aragão*, projecto apresentado à Universidade Nova de Lisboa, para obtenção do grau de Mestre, Lisboa: FCSH-NOVA. Disponível em https://www.po-ex.net/pdfs/brunoministro_edicaocritica_umburaconaboca_antonioaragao.pdf.

MOURÃO, Luís (2015), “O fim in medias res ou “Que hei-de fazer de toda a minha experiência?” seguido de “o universo passa bem sem mim”, *Herberto Helder: Se eu quisesse enlouquecia*, org. Catherine Dumas, Daniel Rodrigues, Ilda Mendes, Rio de Janeiro: Oficina Raquel, pp. 161-173.

TAVARES, Gonçalo M. (2013) *Atlas do Corpo e da Imaginação*, Lisboa: Caminho.

